

CAPÍTULOS 8 E 9 DE *ENSINANDO A TRANSGREDIR – EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE*, SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2013. (bell hooks)

 <https://orcid.org/0000-0002-1601-6176> Eurídice Hespanhol Macedo Pessoa ^A

^A Universidade Federal Fluminense, (UFF), Niterói, RJ, Brasil

Recebido em: 15 mai. 2022 | Aceito em: 28 jun. 2022

Correspondência: Eurídice Hespanhol Macedo Pessoa (ehm.pessoa@gmail.com)

Os capítulos oito e nove do livro *Ensinando a transgredir – educação como prática de liberdade*, da autora Bell Hooks, são narrativas da experiência da autora, numa exposição de como os estudos acadêmicos feministas demoraram para incluir a possibilidade de sexismo junto as questões de classe e raça a ponto de dificultar a percepção da própria mulher negra em relação à sua realidade social.

No início do capítulo 8, a autora faz um relato de experiência sobre o assunto, expressando as dificuldades em estudar as questões e sobre a necessidade de pesquisar um feminismo negro. Durante 10 anos de sua prática como professora de Estudos negros, relata que “naquela época, os programas de Estudos da mulher não estavam preparados para aceitar um enfoque de gênero e raça” (HOOKS, 2013, p. 151).

As questões que naturalizavam o patriarcalismo nas comunidades negras não eram vistas como algo que precisava ser questionado. A professora nos fala sobre o ceticismo em relação à existência de um feminismo negro. Foi necessário trabalhar a consciência crítica dos seus alunos e alunas negros e negras, que geralmente sentiam-se intimidados nas aulas de Estudos da mulher, pois a maioria dos alunos eram brancos. A autora revela que a princípio, para um aluno negro, parecia que o feminismo era “uma seita fechada para brancos”. Por outro lado, a presença da abordagem de raça e classe dentro daquele feminismo era vista como uma ameaça para uma ideologia de libertação da mulher branca, aquela que ficava em casa e poderia viver tendo os trabalhos domésticos realizados por uma mulher negra.

Quando Bell Hooks precisou substituir uma professora numa disciplina de graduação sobre Estudos da mulher, considerou que a turma só teria alunos brancos. Ao descrever que a disciplina abordaria “a teoria feminista a partir de um ponto de vista que engloba discussões de



raça, gênero, classe social e prática sexual”, ela trouxe mais alunos negros do que em qualquer outro curso que ministrou sobre Estudos da mulher. Deste modo, ao dialogar com alunos negros, descobriu que eles não tinham nenhuma experiência em estudos feministas. Por isso abandonavam as classes de estudos da mulher, além de compreender que os estudos feministas partiam de um pressuposto sem observar raça e classe, ou seja, não contemplava as questões sexistas da mulher negra e o racismo que essas mulheres sempre enfrentavam.

Na experiência de Bell Hooks, após sua descoberta, somente dois alunos quiseram continuar o curso, aos outros, ela sugeriu que examinassem um material de leitura. Separadamente, os alunos pediram que ela os deixasse analisar o assunto numa turma separada. Seria “um curso particular com 10 alunas negras”. Várias dúvidas e conflitos pessoais foram abordados a partir do momento em que as alunas tomaram conhecimento de suas leituras confrontando com suas realizadas sociais. Segundo Hooks: “Muitas preocupavam-se com o modo com que o feminismo poderia alterar suas relações com os pais, namorados e amigos” (HOOKS, 2013, p. 157).

Ao conversar com um aluno negro, que fazia outra disciplina com ela, ele relatou porque era difícil para os homens negros lidar com o sexismo. Foi colocado que os homens negros “estavam acostumados a pensar sobre si mesmo dentro do quadro do racismo, de serem explorados e oprimidos.” (HOOKS, 2013, p. 157). Para Hooks é difícil para os negros oprimidos dar voz às suas feridas num contexto de opressão, portanto mais difícil ainda enxergar o quanto podem ser sexistas, com base numa condição machista e social, reproduzida cotidianamente, sem reflexão crítica.

Porém, Hooks considera que isto com o tempo está mudando, em uma aula dela, um dos alunos negros estava com um broche com os seguintes dizeres: “O sexismo é uma doença dos homens. Vamos curá-la nós mesmos” (HOOKS, 2013, p. 158). Dialogando com a força da frase, podemos acrescentar que existe, mesmo que gradativamente, uma formação de consciência por parte dos homens negros em relação a condição das mulheres negras, além do racismo que ambos sofrem (homens e mulheres), a mulher negra ainda sofre as limitações de gênero autorizadas pelo patriarcalismo, vigente na maior parte das culturas em torno do planeta.

Na última aula com a turma de dez alunas negras, Bell Hooks perguntou “se suas alunas estavam mais fortalecidas com o que haviam lido, se sua consciência feminista havia crescido, se estavam mais conscientes” (HOOKS, 2013, p. 158). As respostas e questões foram muitas, muitas tinham medo de que suas consciências feministas a tornassem isoladas, muitas tinham

medo de que suas possíveis militâncias as tornassem vítimas de incompreensões. Mas o resultado foi que realmente estavam diante de um processo de conscientização sobre suas próprias vidas de mulheres negras e tomando conhecimento de uma realidade política que carecia de muito estudo e transformação. Todas as alunas admitiram um exame de consciência e aceitaram que estavam iniciando um processo de “politização feminista”, que as mulheres negras precisam saber lidar com os sexismos e o racismo, numa posição a passar a consciência dessas questões para suas comunidades e espaços sociais onde transitam.

No capítulo 9, Estudos feministas – Acadêmicas negras, Hooks inicia um relato sobre sua trajetória de vida numa “casa dominada pelos homens”, onde ela compreendeu com pouca idade o que era “desigualdade de gênero”. Nascida na época da segregação racial, a menina Hooks residia num bairro de negros, frequentou uma escola somente para negros e uma igreja para negros. Segundo a autora, em todos estes espaços, ela entendia que o poder e o domínio eram do homem negro. Mas, quando ela entrou para a faculdade, e somente após este acontecimento, foi que tomou conhecimento de que o homem negro havia sido “castrado”. Como significado da expressão “castrado”, a escritora nos dá o entendimento de que a escravidão provocou um trauma que negou ao homem negro o direito de viver a sua masculinidade de forma integral. Para ela, “um homem negro, castrado e humilde que andava atrás dos brancos como um cachorrinho, seria uma fantasia dos brancos, uma imaginação racista” (HOOKS, 2013, p. 162).

Sua experiência na universidade mostrou que os estudos acadêmicos sobre feminismos e seus colegas ignoravam as questões de gênero na vida dos negros. Nos relatos de Hooks, suas tentativas em mostrar como as relações de gênero entre os negros eram construídas para manter a autoridade do homem, a princípio, não foram ouvidas. Em suas buscas por pesquisas que falassem sobre o modelo patriarcal entre as comunidades negras, nada foi encontrado. Quando os acadêmicos falavam sobre negros, na verdade falavam sobre a experiência dos homens negros. Da mesma forma, ela descobriu que quando se falava sobre mulheres, a “experiência da mulher branca era universalizada como representação de todo o sexo feminino” (HOOKS, 2013, p. 163). Em sua frustração, nossa autora passou a questionar as produções acadêmicas que, de certa forma, invisibilizavam as questões de raça e gênero na experiência da mulher negra.

Muitas mulheres negras citadas por Hooks, entre elas Angela Davisⁱ, buscavam dialogar sobre “as omissões gritantes nos estudos feministas e a obliteração da presença feminina negra”

(HOOKS, 2013, p.164). Mas Hooks, enfatiza que não havia naquele instante nenhum interesse coletivo para criar um movimento que se interesse por construir um “corpo de estudos feministas” que abordassem as realidades das mulheres negras.

Na realidade, os estudos feministas brancos não compreendiam a existência de todo um contexto racista entre mulheres brancas e negras e a supremacia branca que parecia imperar nos estudos feministas dificultaram muito os diálogos. As próprias mulheres negras não enxergavam suas trajetórias e suas necessidades de lutar contra os racismos e sexismos de que eram vítimas. Hooks naquele momento, pensou que sua obra e de outras mulheres negras pudesse vir a ser um “catalisador” para promover um maior envolvimento de negros e mulheres negras nas pesquisas para produção de estudos sobre feminismos. A história, segundo Hooks, mostra as dificuldades das muitas pioneiras nos estudos negros que tinham em mente atingir a população negra com suas militâncias. Essas escritoras, muitas vezes foram hostilizadas pelos próprios negros, como o caso das escritoras Michele Wallaceⁱⁱ e Ntozak Shangeⁱⁱⁱ. Segundo Hooks, muitas escritoras negras tiveram medo de que seu engajamento nas lutas feministas as separasse das comunidades negras. Os homens negros achavam que as mulheres negras já eram livres, que o sinal dessa “liberdade” era que elas já trabalhavam fora, isso se dava porque a visão que se produzia na época dava ao homem negro o centro das discussões sobre a vitimização social de superioridade da raça branca.

Com o tempo, algumas mulheres brancas estudosas do feminismo, com ideais mais progressistas, aceitaram as palavras e as críticas das mulheres negras e as discussões passaram a ser feitas dentro dos prognósticos de raça e gênero, abordando as complexidades que deviam ser notadas e incluindo os aspectos das estudosas negras que lutavam para que suas vozes fossem ouvidas.

O capítulo relata que, na atualidade, o número de mulheres brancas que escrevem sobre um ponto de vista que incluem as questões de raça é muito maior que o de mulheres negras.

Importante ressaltar, neste capítulo, o conceito de “consciência feminista”. Para Hooks, é muito mais do que apenas falar sobre questões de gênero ou sobre as situações expostas por mulheres em suas realidades. Ela lamenta que muitas acadêmicas negras se voltam para as questões de gênero, mas se excluem de qualquer engajamento sobre as pautas feministas.

A autora salienta ainda que a falta de recompensas institucionais afasta as acadêmicas negras dos estudos feministas, porque as acadêmicas brancas fazem parte de uma rede de pessoas que “trocamos recursos, publicações, empregos”, que as negras são excluídas dessa rede.

Lembra em suas falas que no início da sua carreira era considerada uma ameaça ao feminismo, por seus questionamentos em relação à raça. Sua fala afirma com força que as acadêmicas negras são marginalizadas pelo racismo e sexismo institucionalizados.

Infelizmente as críticas de Hooks em relação aos trabalhos acadêmicos situam-se num mar de análises sobre a falta de perspectiva em que ora não considera as questões de gênero nas pesquisas e ora em considerar as questões de gênero, afastam as questões feministas dos estudos. Em todo texto, Hooks busca pela presença de um pensamento que encontraria apoio nas discussões de um feminismo realmente plural, que abrangesse as questões de gênero, raça e classe social.

As pesquisas que trazem a mulher negra dentro dos contextos feministas são recentes e apesar das dificuldades abordadas nos dois capítulos, temos cada vez mais mulheres engajadas nos movimentos que buscam conscientizar a mulher negra no universo que a chama para rever o lugar histórico que lhe foi imposto e o futuro que deve conquistar.

Conclui-se que é necessário formar consciências sobre um feminismo negro que encontre espaço na pluralidade das opressões históricas e no apagamento da existência de uma mulher triplamente oprimida. Uma mulher oprimida pelas questões de raça, classe e pelo fato de conviver desde sempre num modelo patriarcal hegemonicamente branco. Um traço a ser refletido é que as questões interseccionais coexistem num mesmo espaço e num mesmo contexto histórico, que tais questões não podem ser afastadas dos diversos modelos de opressão. Talvez, seja necessário pensar em intervenções sociais, objetivando promover uma maior conscientização sobre o papel da mulher negra. É preciso formar, nas diversas camadas sociais, um feminismo negro consciente das suas origens e das suas necessidades.

Referências

Hooks, bell, *Ensinando a transgredir* – Educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma – *Interseccionalidade*, São Paulo: Boitempo, 2021.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALES, Lélia. *Por um feminismo Afro-Latino-Americano*. Org.: RIOS, Flávia, LIMA, Márcia. Título da Obra. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ⁱ Angela Yvonne Davis (Birmingham, 26 de janeiro de 1944) é uma professora e filósofa socialista estadunidense que alcançou notoriedade mundial na década de 1970 como integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos, dos Panteras Negras, por sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos, referência entre os marxistas e por ser personagem de um dos mais polêmicos e famosos julgamentos criminais da recente história dos EUA.

ⁱⁱ Michele Faith Wallace (nascida em 4 de janeiro de 1952) é uma autora feminista negra, crítica cultural e filha da artista Faith Ring Gold. Ela é mais conhecida por seu livro de 1979, *Black Macho and the Myth of the Superwoman*. Os escritos de Wallace sobre literatura, arte, cinema e cultura popular foram amplamente publicados e a tornaram uma líder dos intelectuais afro-americanos. Ela é professora de inglês no City College of New York e no Graduate Center da City University of New York (CUNY).

ⁱⁱⁱ Shange nasceu Paulette Linda Williams em Trenton, New Jersey em uma família de classe média alta. Seu pai, Paul T. Williams, era um cirurgião, e sua mãe, Eloise Williams, uma educadora e assistente social psiquiátrica. Quando ela tinha oito anos, a família de Shange mudou-se para a cidade racialmente segregada de St. Louis. Como resultado da decisão do tribunal *Brown v. Board of Education*, Shange foi levada de ônibus para uma escola de brancos onde suportou racismo e ataques racistas.